



PANEGYRICO
GRATULATORIO,
EVANGELICO, E PHILOLOGICO

EXPOSTO

Na Solennidade, que em Acção de Graças pelo Felicissimo Nascimento da Serenissima Princeza da Beyra, a Senhora D. Maria Francisca Izabel Jozepha Antonia Geirudes Rita Joanna, Primogenita do Serenissimo Principe do Brazil Nosso Senhor,

CELEBROU

Na Santa Igreja Cathedral do Porto em 30. de Janeiro de 1735. o Nobilissimo, e Preclarissimo Senado da Camera da mesma Cidade;

PELO

M. R. MANOEL DOS REYS BERNARDES;

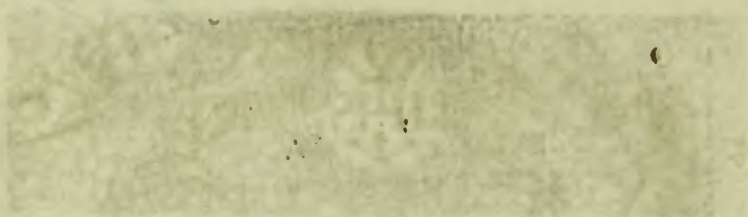
Conego Prebendado, e Magistral de Escripura da mesma Santa Cathedral, Commissario do Santo Officio, e Juiz Conservador de algumas Religioens do Reyno;

Dado à Estampa pelo mesmo Nobilissimo Senado.

COIMBRA:

No Real Collegio das Artes da Cõpanhia de JESU, Anno de 1735.
Com todas as licenças necessarias.

PORTALEGRE



APOTROPHE

APOTROPHE
AUS SPANISCHEN SPRACHEN
VON DR. MED. JOH. G. W. G. G. G.

1784

APOTROPHE
AUS SPANISCHEN SPRACHEN
VON DR. MED. JOH. G. W. G. G. G.

APOTROPHE
AUS SPANISCHEN SPRACHEN
VON DR. MED. JOH. G. W. G. G. G.

APOTROPHE
AUS SPANISCHEN SPRACHEN
VON DR. MED. JOH. G. W. G. G. G.

APOTROPHE
AUS SPANISCHEN SPRACHEN
VON DR. MED. JOH. G. W. G. G. G.

APOTROPHE
AUS SPANISCHEN SPRACHEN
VON DR. MED. JOH. G. W. G. G. G.

APOTROPHE
AUS SPANISCHEN SPRACHEN
VON DR. MED. JOH. G. W. G. G. G.

APOTROPHE
AUS SPANISCHEN SPRACHEN
VON DR. MED. JOH. G. W. G. G. G.



APOSTROPHE

AOS NOBILISSIMOS SENHORES
do Senado da Camera da Cidade do
Porto.

NOBILISSIMO, PRESTANTISSIMO,
e Preclarissimo Senado.



*ESTE Panegyrico, que re-
citei no Pulpito, e que V. S.
quer dar ao Prelo, já o tivera desanimado o
meu conceyto, se o não fizera respeitozo o seu*

*Assumpto; porem quando V. S. me multiplica
as honras, he razão, que eu duplique as obedi-
encias. Foi a primeyra, quando a impulsos do
respeyto se rendeo o alvedrio; pois conhecen-
do, que tão sublime objecto transcendiã para
emprego do mais prespicaz discurso a esfera
do mais agudo juizo, foraõ tais as ambiçoens
dos creditos de obediente, que reparei nas mere-
cidas censuras de temerario. Animoume a esta
discreta uzura o Mestre da eloquencia latina,
quando para orar em semelhante, posto que
desigual, empenho, se obrigou por hum voto a
satisfazer hum preceyto: Polliceor tibi, & de-
fero, quidquid possum. He a segunda, quan-
do V. S. intenta, que em maior Theatro saya à
luz este Panegyrico. Na estampa verà todo o
Mundo impressa tão grande honra, e verà tam-
bem V. S. retratada a minha justa desconfiança;
mas por isso he mayor o sacrificio na condescen-
dencia, pois venero respeitozos preceytos, e des-
prezo criticos Aristarchos. Esti seria talvez o
pensamẽto de Tito Livio, quãdo em abono de hũ
Orador disse: In omnia ultro suam illi obtu-
lit operam.*

Eu bem sei, que da honra fizeraõ os Antigos Romanos huã Deozã, à qual levantaraõ Estatuas, e edificaraõ templos, mas de tal sorte dispostos pelo grande Senador Mario, que se não podia entrar no templo da honra, sem passar primeyro pelo da virtude; presuppõdo na virtude o merecimento, para conseguir da honra o premio. Esta he a mayor obrigação, em que me poz a preferencia, que V. S. fez da minha pessoa a tantos, e taõ eruditos Mestres, e eloquentes Oradores; pois sendo a açcaõ de taõ grande empenho, como mostrãraõ as disposições dos applauzos, com que V. S. procurou fazer alegre, festivo, e gloriozo o dia, em que celebrou o felicissimo Nascimento da Serenissima Princeza da Beyra, me deu a honra na primazia, dissimulandome a falta da benemerencia: seria impulso da minha fortuna, mas eu o attribuo a effeyto da sua Grandezza, que he e saltar os pequenos; para que por todas as circumstancias fosse grande taõ solenne dia. E como a taõ honrozã gloria se não possa equiparar a minha obsequioza rezignaçãõ; supra o

meu.

meu reconhecimento nestas expressoens de Ovi-
dio

Ovid. in
Ibin.

Huic igitur meritas grates, quascumque licebit,
Pro tam mansueto pectore semper agam.
Semper inoblitâ repetam tua munera mente,
Et mea me Tellus audiat esse tuum.

De V. Senhoria.

Obsequentissimo servidor

Manoel dos Reys Bernarde.

Grori-



Glorificantes, & laudantes Deum in omnibus, quæ audierant, & viderant; sicut dictum est ad illos. Luc. cap.

2. n. 20.



AGORA sim, quando o logro de huã felicidade prometida he de sempenho de huma esperança bem fundada, poderei sem o temor de encarecido influir novas esperanças, e legurar sem controversia, novas felicidades: *Et votis alitur spes animosa suis*, disse já o Poëta Strozio. Agora sim, quando a propicios Horóscopos correspondem prosperos successos, auspicarei sem sustos da contingencia progressos gloriosos, observando sem perplexidade, Oraculos

Sagrados: *Quo virtus, quo sancta vocant oracula, vertet*, disse o Mantuano. Agora em sim, que das prezentes venturas o abyssmo está como enlaçando-se, ou vaticinando outro abyssmo de futuras ditas, pede a gratidaõ, que em obsequio do agradecimento rendamos as graças, e cantemos as glorias ao todo Poderoso, e Omnipotente Deos unico, singular, e universal Artifice de todas as obras da natureza, e da graça; Fonte manancial, e origem, donde se derivaõ as affluencias de tudo, o que he bom, e optino: *Omne*

Mantuano. apud Joan. Ravis.

Stroz. Pal. apud Joan. Ravis.

Epistol. Beati Jacobi. datur

datum optimum; omne donum perfectum descendens à Patre luminum.

Expliquemo-nos já; e corra a intelligencia da idéa, ou por conta da vofsa lembrança, ou da minha noticia: para o que me he precizo, trazervos à memoria aquelle a todas as luzes alegre dia de 5. de Fevreyro de 1728. em que esta muyto Nobre, e sempre leal Cidade do Porto a estímulos ardentés, exemplos generozos, e direcçoens perspicazes deste seu muytas vezes Politico, e sempre Preclarissimo Senado, celebrou com vivas de fidelidade, applaudio com aclamaçoens de prazer, e solênizou cõ demonstraçoens de Triumpho os Augustissimos Despozorios do Serenissimo Senhor D. Joseph Principe do Brazil, e da Serenissima Senhora D. Maria Anna Victoria, Infante de Castella. Naquelle pois dia festivo, e naquella acçaõ gratulatoria tive eu, como ago-

ra, a felicidade (naõ sei, fe com felicidade) de ler o Panegyrista, cuja incomparavel hoara, assim enraõ como agora, foi preciza resultancia da minha respeytoza condescendencia.

Epondo entañ com a atençaõ, que pedia o empenho, os olhos no Evangelho; ao primeyro periodo encontrei com os mais que Augustos, Sagrados Despozorios de Joseph, e Maria, cujos Santissimos Esposos pela sua Real genealogia, e reciproca consanguinidade eraõ Principes excellos da casa de El-Rey David: *Cum esset desponsata Maria Joseph: Joseph fili David: Principem fecit eum: Joseph videtur fuisse proximus Regni David haeres: E Maria: Clara ex stirpe David: Princeps mundi, & Regina.*

E reflectindo logo em os Reais Despozados, que eraõ o assumpto gloriozo daquela solênidade plauzivel, e vendo, que o Es-
pozo

Matth. cap. 1. n. 18. A- lap. in cap. 1. Matth. Ex off. Nativit. B. Virg. Sim. Stok. in Hym. Deip.

pozo era tambem Joseph, filho de El-Rey Nosso Senhor, o Senhor D. Joaõ V. *Joseph fili David*; E por isso do Brazil Principe jurado: *Principem fecit eum*; e do Real Sceptro immediato herdeyro: *Joseph videtur fuisse proximus Regni David heres*. E obltvando, que tambem a Elpoza era Maria, filha de El-Rey Catholico, o Senhor D. Philippe V. em cujas reais veas pulsa o real sangue das preexcellas familias de Austria, Borbon, Castella, e Saboya; e havendolhe por este lado dado o sangue por muytas linhas El-Rey D. Manoel de Portugal; uaõ menos pelo da Augustissima Raynha Catholica Reynante a sempre memoranda Heroína a Senhora D. Izabel Farnesio se vinculla em parentesco com seu Serenissimo Espozo o Principe Joseph, pelos Princeses das Reais Casas Farnesio, e Palatina; huma descendente, e ascenden-

te outra da Portugueza; e por isso clara pela sua estirpe Regia: *Clara stirpe David*; e quando adorada Princeza, inaugurada Raynha Maria: *Princeps mundi, & Regina*. E supposta a analogia dos Despozorios sagrados cõ os Reais Despozorios; ainda que entre huns, e outros havia huma incomparavel distancia, com tudo aquella circumstancia de tempos, aquella proporçaõ de nomes, que entaõ ponderei, me fizeraõ persuadir, que se os sagrados Despozorios da tantissima Princeza Maria com o tantissimo Principe Joseph, continhaõ Divinos mysterios; sendo Joseph, e Maria os nossos tereõissimos Despozados, foraõ seus Despozorios altissimas providencias; e assim lhe auspiquei [e foi o primeyro Horóscopo] que por elles teriaõ os dous Reynos de Portugal, e Castella felicitados; porque unidos por aquelle vinculo, e concordades em

hu na perpetua aliança, seria o amor summo, o auxilio mutuo, e o obsequio reciproco; porque estas mesmas venturas resultâraõ dos sagrados Despozorios dos santissimos Princeps Joleph, e Maria. Foi entaõ de Alapide a authoridade. Foi o segundo Oraculo, e feliz auspicio: que por aquelles Reais Despozorios se veria este Reyno gloriozamente estabelecido na fecundidade da sua Real Prole: que daria Priucpes para a Monarchia, e Magestades para todo o Mundo; porque esta fora a gloria, que se seguira dos Despozorios sagrados do Evangelho. *Hinc* (cõclue o Alapide a sua authoridade) *meruerunt genere Christum, Sanctum Sanctorum.*

*Alap. in
cap. 1.
Matth.*

Eu não sei, se a vossa lembrança està arguindo de superflua esta noticia? Mas toi precisa, para vos fazer esta pergunta: E não são os prezeates successos o mesmo, que vos predil-

seraõ aquelles Oraculos? Não he, o que agora vedes, o melino, que entaõ ouvistes? Não vedes já os prodigiozos effeytos daquelles indissoluveis nexos na boa armonia entre os dous Reynos, e cõ aliança taõ pacifica, que fazem impraticaveis de Marre os vibrantes rayos? Não he, o que entaõ ouvistes, o mesmo, que agora admirais? Não he o Parto felicissimo da nossa Serenissima Princeza hum testemunho evidente da Real fecundidade? Quem poderà duvidar, de q̃ nos hà de dar muytos Princespes, por isso mesmo, q̃ foi huma Princeza o seu primeyro fructo, podendo selhe applicar sem violencia, o que là disse Claudio, talvez com lizonja: *Sub tua purpurei venient vestigia Reges.*

Esta havia de ser agora a minha empreza, se no Nascimento da Primogenita dos nossos Augustissimos Monarchas, hoje serenissima Princeza das

Astu-

*Sub tua
vestigia
Reges.*

Asturias, não tivera esta sido a minha idéa, tão feliz, que por dezempenho do auspicio, foi aquella Princeza serenissima, como termoza Aurora, Precursora de 5. Soes, em 5. Princepes successivos. Foi o primeyro o serenissimo Principe o Senhor D. Pedro, que anticipando-te aos annos a ventura, passou à custa da nossa saudade aos logros da immarcessivel Coroa. Foi o segundo o serenissimo Principe do Brazil o Senhor D. Joseph, tão proximo ao Trono, que he o immediato successor ao Real Sceptro. Foi o terceyro o serenissimo Infãte o Senhor D. Carlos. Foi o quarto o serenissimo Infãte o Senhor D. Pedro, cujas Reais prendas, e virtudes lhe estão augurando Coroas, e Imperios. Foi o quinto o serenissimo Infãte o Senhor D. Alexandre, que triunfando quazi no berço dos Sceptros, e das Coroas, logra no Empyrio em Trono de

Saphiras Coroa eterna, e Sceptro interminavel: Logo se a Primogenita de Portugal a serenissima Princeza das Asturias foi como hum leguro da Real fecundidade em cinco Princepes successivos, quẽ duvidarã, que de successivos Princepes he como leguro da Real fecundidade a serenissima Princeza da Beyra, Primogenita do serenissimo Principe do Brazil? E havendo sido o prelagio, de q̃ daria Princepes para glorioso estabelecimento da Monarchia Portugueza, e Princezas para illustrar o mundo de Magestades; já na serenissima Princeza da Beyra, como leguro da Real fecundidade, admiramos, o que entã ouvimos; e se o que entã ouvimos, he, o que agora vemos, den os a Deos as graças, e cantemos as glorias. E sem o esperar, isto he, o que diz a letra do nosso texto.

Glorificantes, & Laudantes Deum in omnibus,

que audierant, & viderant, sicut dictum est ad illos. Diz o Evangelista S. Lucas no Evangelho da presente solennidade, que glorificavaõ, e davaõ louvores a Deos Pastores; porque todos os annuncios, que tinhaõ ouvido dantes, os virãõ cõpletos, e verificados de pois, e raõ fielmente, como lhes fora dito: *Sicut dictum est ad illos.* E que virãõ, e ouviraõ os Pastores? Ouviraõ huns annuncios de graode prazer, e gosto: *Evangelizovo-
bis gaudium magnum:* Ouviraõ, que na Cidade de El-Rey David haviaõ de achar hum Infante oal-
cido: *Et hoc vobis signũ,
invenietis infantem:* Ouviraõ, que entre os dous Reynos do Ceo, e da terra se iuformava huma perpetua aliança: *Gloria in
altissimis, & in terra pax.* E como tudo isto admirãõ, quando virãõ na Cidade de El-Rey David hum Infante corre o Principe Joseph, e a Princeza

Maria: *Invenerunt Mariam, Joseph, & Infantem;* como os lucceffosle cõformaraõ coinos prelagios, foraõ tais os seus júbilos, que em agradecimento dos beneficios recebidos: *Laudantes magna voce pro beneficiis acceptis,* diz Sylveyra, romperaõ em gratulaçoens oblequiozozos: *Glorificantes, & laudãtes Deum in omnibus, quæ audierãt, & viderant, sicut dictum est ad illos: laudantes magna voce pro beneficiis acceptis.*

Por estes Pastores, de que falla S. Lucas, na applicaçãõ moral, entendem com o Mestre das alegorias muytos Padres, os Principes, os Prelados, os Ecclesiasticos, os Senadores, os Magnates, e os Povos; para que assim entenda todo este nobilissimo, e prestantissimo Auditorio, que quando a beneficios do Ceo vem posuãdas aquellas felicidades ao Reyno annuncias; pois vem aos serenissimos.

*Ibidem eod.
cap. n. 16.*

*Sylv. in
Luc. cap. 2.
n. 20.*

*Vid. Lau-
ret. verb.
Pastores.*

*Luc. cap. 2.
n. 10.*

*Luc. ibidem
n. 12.*

*Ibidem cap.
2. n. 14.*

limos Príncipes, Joseph, e Maria com hum real testem-unho de fecundidade; dandonos mais que hum Príncipe, muytos Príncipes em huma só Príncipeza:

Yon. in E-
pist. Revif.
sexi. verb.
Parisi.

Sufficiat gravido secundans viscera partu, modulou Pontauo; devem todos por raõ Divinas beneficencias dar a Deos as graças, e cantar as glorias: *Glorificantes, & laudantes Deum in omnibus, quæ audierant, & viderant, sicut dictum est ad illos: laudantes magna voce pro beneficiis acceptis.*

E se esta acção de agradecimento he devída ao Altissimo, pelo q̃ na nossa Príncipeza nos deu; digo eu agora (e he a segunda parte da idéa) que devem ser continuas as nossas graças, pelo que na serenissima Príncipeza da Beyra nos hà de dar. A prezête gratificação respeyta a beneficios aulpicados, mas recebidos: e a continuação das graças respeyta a felicidades no-

vas, que com a serenissima Príncipeza nos haõ de vir, e que eu hoje vos hei de aulpicar.

Sobre o nosso texto diz o Doutissimo Alapide, q̃ aquelles Pastores, que glorificavaõ a Deos, eraõ continuos nos seus louvores, e exultações: *Affidue exultantes, & jubilantes.* E porque? Direi.

Alap. id
Luc. cap. 20
n. 20.

Naõ sò, porque viraõ verificadas as boas novas, que lhes dera o Anjo, como já dissemos; mas porque o Anjo lhes annuociou novas felicidades. E se naõ vede. *Evangelizovobis gaudium magnum, quod erit omni populo: A*

verlaõ siriaca tem: Annuntio vobis gaudium magnum, quod futurum erit toti mundo. Eu vos annuocio hum grande gofio, que hà de vir a todo o povo, e ha de chegar a todo o mundo. Tudo he o mesmo; porque se o mundo se compoem de Reynos, se os Reynos se constituem pelos Povos, quando se dava aquelle

Bibl. max.
eodem cap.

annuncio a todo o Povo, le vinha a dar a todo o Reyno: Equãdo se dava a cada hum dos Reynos, le vinha a dar a todo o Mundo: *Quod erit omni populo; quod futurum erit toti mundo.*

E que prenuncios de taõ grande gosto laõ estes, que ha de vir no Povo a todo o Reyno; e do Reyno se ha de diffundir pelo Mundo todo: *Quod erit omni populo: quod futurum erit toti mundo.* Naõ permite a estreyteza de hum Panegyrico a individuaçaõ especifica de cada huma das felicidades, que faziaõ grande aquelle gosto; mas direi genericamente com o Padre Sylveyra, que daquelle anouciado nascimento haviaõ de vir nos Povos ao Reyno, e no Reyno ao Mundo, grandes progressos, grandes felicidades, e grandes augmentos: *Annuntio vobis gaudium magnum, quod erit omni populo; quod futurum erit toti mundo,*

ob magnum incrementum, quod in suos populos resultavit. E como aquelle annuocio aos Pastores era de uovas prosperidades, lium vaticiniõ; por isto naõ sò cantaõ a Deos as glorias pelas merces, que ja possuhiaõ; mas continuamente lhe rendem as graças, pelas que de novo se lhe auspicaõ: *Glorificantes: assidue exultantes, & jubilantes.*

E poderei eu agora no Nascimento da serenissima Princeza da Beyra annunciar semelhantes gostos, e formar semelhantes Auspicios ao Reyno, e ao Mundo? Ora, Senhores, o que he impossivel para a semelhança, o faz praticavel huma excellencia. Por excellencia rara, e do Ceo por alta providencia tẽ os nossos serenissimos Princeses os bem augurados nomes de Joseph, e Maria: Pois a influências benignas de Maria Santissima, e do Santissimo Joseph, Priacepes excelsos, haõ de participar os nossos tere-

serenissimos Principes por excellencia rara, o que he impossivel por semelhança rigorosa. E assim no grande prazer e gosto do Nascimento da nossa Princeza serenissima me animo a aulpicar ao nosso Reyno, e a todo o Mundo novos progressos, superiores felicidades, e maiores augmentos: *Ecce enim annuntio vobis gaudium magnum, quod erit omni populo; quod futurum erit toti mundo, ob magnam incrementum, quod in suos populos resultavit.* Sim; porque a serenissima Princeza da Beyra ha de encher de novas glorias o Reyno, e de novas admiracoes o Mundo: o Mundo com tantos, e tao novos assombros ficara mais admirado: o Reyno com tantos, e tao novos progressos, ficara mais gloriozo. Este o Auspicio, e o Assumpto, q̄ reduzido a termos mais breves, vale o mesmo. que dizer: que na serenissima Princeza da Beyra nos

nasceo no Reyno pelas felicidades hu novo Reyno, e no orbe pelas admiracoes hum novo Mundo: *Novum nobis nascitur in Regno Regnum: Novus nobis nascitur (Sic fas est dicere) orbis in orbe.* E se este foido Padre Mendonça enearcido hyperbole para hum Augusto Ascendente da nossa serenissima Princeza, da nossa nova Princeza serenissima mostrarão as congruencias, com que hei de illustrar o systema, q̄ he muyto propria a idéa; e por isso a favores do Ceo tao repetidos devemos dar a Deos louvores continuados: *Glorificantes, & laudantes Deum in omnibus: Assidue exultantes, & jubilantes: ob magnum incrementum, quod in suos populos resultavit.* A empreza esta pedindo especial graça de Deos; recorramos a Maria Santissima, para que me alcance de Deos a graça.

AVE MARIA.

S. I.

P. Franc. de
Mend. in
suo Virid.
de Ort.
Princip.
Hispan.
Philip. 4.

S. I.

GRande sobre singular ventura a do nosso Reyno, que como Reyno singularmente de Christo: *Imperium mibi*; assim se renova nas ditas, quando a beneficios do Ceo lhes nasce huã Princeza, que na mesma Princeza serenissima lhe vem a nascer no Reyno hu uovo Reyno, e no orbe hum Mundo novo: *Novum nobis nascitur in Regno Regnum: Novus nobis nascitur orbis in orbe*. E por isso taõ, e haõ de ser admiracoens para o mundo, o que forem glorias para o Reyno: o Reyno terà cõ felicidades mais gloriozo; e o mundo ficarà com tantos progressos mais admirado. Seja a primeyra prova do systema huma congruencia deduzida de huma das felicidades ja promettida, e ja lograda, qual he a armonioza aliança entre os dous Rey-

nos de Portugal, e Castella. Mas se estes dous Reynos estaõ ja na posse desta ventura; como annuncio eu por nova esta felicidade? Digo, que sim. Porque a felicidade para ser felicidade, ha de ser permanente. Da sua effencia naõ hesõ, que se logre, mas que se legure: E como o nalcimento da nova bella Princeza, ou a serenissima Princeza da Beyra em teu nalcimento, seja hum real seguro daquelle bem reciproco; se antes no logro podia ter aquella concordia alguma contingencia, agora na nova Princeza tem aquella armonia toda a segurança; mas por isso felicidade, que tendo gloria para o Reyno, he admiracão para o Mundo. Ora notem.

Depois do fatal estrago do Universal Diluvio, compadecida a Magestade Divina da fragilidade humana, disse ao Patriarcha Noè, que nunca ja mais se havia de liquidar o

Ceo em agoas para submergir o mundo em dilu-
vios, e que para final de
concerto, & de concordia
entre os dous Reynos do
Ceo, e da terra havia de
por hum arco lobre as nu-
vens: *Arcum meum po-
nam in nubibus, & erit
signum fœderis inter me,
& inter terram.* Passe-
mos agora deste ao cazo
do nosso texto. Quando
nasceo no mundo o Prin-
cepe do Empyreo, affir-
mou hum Anjo aos habi-
tadores das montanhas
de Bethelem, que estava
seyta huma côcordata pa-
cifica, e firmada huma ali-
ança entre os dous Rey-
nos do Ceo, e da terra,
que esta he a energia da-
quellas palavras: *Gloria
in excelsis, & in terra
pax:* oo como lê Euthi-
mio: *In hominibus be-
neplacitum.* Novas foraõ
estas tam alegres, que diz
Sylveyra, que nem as ha-
via mais felices, nem mais
augustas: *Nil felicius,
nil augustius dici potest.*
E porque? Esta concor-

data, e aliança naõ estava,
como já disse, seyta muy-
tos seculos antes de pays
a filhos, e netos: *Ecc-*
ce ego statuam pactum
meum vobiscum, & cum
semine vestro? Pois para
que a repete agora hum
Anjo; ou que mais tem a-
gora por hum Anjo repe-
tida, para se affirmar, que
naõ ha couza mais augu-
sta, nem mais feliz: *Nil
felicius, nil augustius dici
potest?* Sabeis porque?
Pelo que temos ditto. Por
que agora he aquelle nas-
cimento da aliança entre
os dous Reynos hum real
seguro; e dantes estava a-
quella concordia estipula-
da por hum pacto: *Sta-
tuam pactum meum vo-
biscum;* E te por aquelle
pacto podia o logro da-
quelle bem padecer algu-
ma contingencia, por a-
quelle nascimento ficou a
posse de taõ grande bem
com segurança. Pois que
couza mais feliz, nem ma-
is augusta? *Nil felicius,
nil augustius dici potest.*
E que vos parece resulta-

Genf. cap.
9. n. 9.

Genf. cap.
9. n. 13.

Luc. cap. 2.
n. 14.

Bibl.
xviii.

ria de tão augusta felicidade? Que gloria para o Reyno, e admiraçoens para o Mundo. Admiraçoens para o Mundo, assim o diz expressamente S. Lucas: *Omnes. mirati sunt*: e gloria para o Reyno do Ceo; assim o publicou o Anjo: *Gloria in altissimis.*

Oh gloria, que desde o excelso Trono dos nossos soberanos te estás com admiração de todo o Mundo. diffundindo por todo o Reyno! Sim já o Reyno lograva a felicidade desta aliança, estipulada pelas Augustas Magestades de huma, e outra Monarchia de pães a filhos, e netos delde o dia 13. de Julho de 1713. *Statuam pactum meum vobiscum, & cum semine vestro.* Porém o Arco Iris, o sinal permanente, que segura à posteridade aquelle apreciavel bem: *Arcum meum ponam in nubibus, & erit signum fœderis inter me, & inter terram.* He (quãdo nascida) a nova bella

Princeza Real neta das mesmas Augustas Magestades; mas por isso se diffunde por todo o Reyno desde o excelso Throno aquella grãdê gloria: *Gloria in excelsis*, ao mesmo passo, que te enche de admiraçoens o Mũdo: *Omnes mirati sunt*: Logo *Nil felicius, nil augustius dici potest.*

§. II.

Na verdade, que bem advertida a situação dos Marciaes empregos, em que se vê perturbada a Europa, tão natural he resultar do nascimento da fereçoissima Princeza da Beyra gloria para o Reyno, como admiraçoens para o Mundo. E porque? Dizei. Não vedes a Europa reduzida a hum theatro de hostilidades? Porque confederados Marte, e Belona tem produzido a fera Erymnis, furia tão implacavel, que altera os Reynos, confunde as Monarchias, perturba os Imperi-

perios, despovoa as Provincias, sepulta as Cidades, como quem com sangue se alimenta, com estragos se recrea, e com mortes triumphas? E não vedes, que nomefmo tempo, em que as Potencias da Europa se dezaçocegaõ com bellicozas vigilancias, serem entre as duas Monarchias de Portugal, e Castella reciprocas as correspondencias? Sem que bastem para inti- biar aquella aliança (segundo o juizo dos Politicos mais Estadistas) as Potencias, que, ou por impullo das suas payxoens, ou por dezempenho das suas garantias, ou por interesses dos seus estados, fazem, ou que- rem fazer papel no prezẽ- te bellico theatro? E não he isto assombro para o Mundo; se felicidade para o Reyno? Mas felicidade, que nos segura em teu nascimento a serenissima Princeza da Beyra, de que resulta o natural equilibrio entre as glorias do

Reyno, e as admiraçoens do Mundo.

Mas que digo, oh Mũdo? Se mayores admiraçoens te profuturo? Que digo, oh Reyno, se novas glorias te vaticino? Sim, porque nalcer a serenissima Princeza da Beyra em tais circũstancias de tempo farà, com que o Reyno fique mais enobrecido, e o Mundo mais illustrado: Mais illustrado o Mundo; porque o ha de encher de Coroas. E que mayor admiraçãõ? Mas por isso mais enobrecido o Reyno; porque o hà de encher de glorias. E que mayor gloria? Notai a figura, que cuydo dezempenha a idéa.

Com alegoria metafórica falla o Rey dos labios cõ a tua formozza Sulamites, e diz assim: *Veni de Libano; sponsamea, veni ae Libano, veni: coronaberis.* Outra letra tẽ: *Imperabis, ac, ut Regina, coronaberis.* Vẽ do Libano, Elpoza minha, vem do Libano, vẽ para imperátes como Senho-

cant. cap. 4. n. 3.

Alap. Eccl. 4. n. 3.

ra, e feres coroadada, como Rainha: *Inperabis, ac, ut Regina, coronaberis.* E he para notar, que diga o Rey sabio, que lhe ha de formar as Coroas das eminencias de levãtados Mõtes, como taõ o Amana, Sanir, o Hermon, e o Mõte, que Adricomio chama dos Pardos, taõ alto, e taõ rotundo, que por hum lado taõ as luas cavernas profundas abrigo de Leopardos, e por outro taõ suas concavidades subterraneas covis de Leoens: *Coronaberis de capite Amana, de vertice Sanir, & Hermon, de cubilibus Leonum, de môtibus Pardorum.* Badverte Hortulano, que destes Moutes o Amana, o Sanir, o Hermon, e tambem o Libano, estaõ em tal situaçaõ, que correspondem aos quatro angulos do Mundo: *Hos quatuor Montes sitos esse ad quatuor plagas orbis.* Dnde vimos a entender, q̃tãtas eraõ as Coroas, como os Moutes; pois diz, q̃ das eminencias dos Mõtes

Adrich. apud Alap. ibi.

Hort. apud Alap. in Cant. cap. 4.

lhe ha de formar as Coroas: *Coronaberis de capite Amana, de vertice Sanir, &c.* Mas valhame o Ceo! Quẽ será esta Sulamites, q̃ baltãdo lhe a Coroa do Libano, para a constituir soberana, lhe daõ as Coroas aos Mõtes, pois em 4. Mõtes lhe daõ 4. Coroas para echer de Coroas, e de Sceptros as 4. partes do Mũdo? *Hos quatuor môtos sitos esse ad quatuor plagas orbis.* Sabeis quẽ era? Era huã Prioeza, filha de hũ Principe, q̃ para a vida estava dando os primeyros passos: *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia Principis.* ^{Cant. cap. 4. n. 7.} Agora, senhores, he preciza a minha admiraçaõ. Que a esta filha do Principe, como Princeza, se lhe augure huã Coroa, estã bem: *Veni, coronaberis;* mas que quando com os primeyros alentos dà para a vida os primeyros passos, seja ja a Princeza taõ soberana, que senhora de tantas Coroas haja de enobrecer o Mundo de

de Magestades! Sim: cefse a admirçaõ, advertindo nas circumstancias do tempo, em que sahio à luz aquella Princeza. Tempo era, em que le vião delicozas campanhas deformidaveis exercitos, e juntamente se ouviã de huma concordia pacifica as exultaçoens, explicadas por vozes lonóras em choros luaves; que esta he a paraphrase do texto:

Cant. cap.
7. n. 1.

Quid videbis in Sulamite, nisi choros castrorum? E Princeza, filha do Principe: *Filia Principis*, que labe à luz em tais circumstancias de tempo, justamēte a convida o Sabio, naõ sò para ficar o seu Reyno cõ huã Coroa enobrecido: *Veni, coronaberis*; mas para q̃ assim se veja o Mundo cõ tantas Coroas illustrado: Illustrado o Mundo, porque à voz de tantas Coroas respondia em seus quatro angulos o eco com outras tantas admiraçoens, tendo émulas das admiraçoens do Mundo as glorias

do Reyno: *Veni, coronaberis de capite Amana, &c. Hos quatuor Montes sitos esse ad quatuor plagas orbis: Quid videbis in Sulamite? Quã pulchri sũt gressus tui in calcemētis, filia Principis.*

Naõ vos canço com a applicaçã do lugar, que seria desagradecer a vofsa attençaõ urbana: E passo a dizer, que tendo Salamaõ nesta Escripura Propheta, como notou Alapide, que com prophetica attençaõ estava vendo a serenissima Princeza da Beyra, filha do lerenissimo Principe do Brazil, quando lhe fez a alegoria naquella filha do Principe a Princeza do Libano. E le naõ vede, le he prophesia o texto.

Alap
Prologom.
Cant. cant.

Descreve Salamaõ as prēdas singulares daquella Real Princeza, e diz, que era huã pomba: *Una est columba mea.* Que era unica, e unigenita, assim explicaõ os 70. *Unica Martris, idest, unigenita:* Que era perfeita, mas singular-

Cantic. cã.
cap. 6. v. 3.

mente.

mente huma; assim lè o Arabico: *Perfecta mea una est.* E todas estas unidões singulares são da serenissima Princeza da Beyra prendas numerosas. He huã pomba: *Una est columba;* porque se a Pomba he symbolo das felicidades, hieroglifico da innocencia, e emblema da mansidão; a mansidão, e innocência bẽ se inferem dos seus poucos dias; e as felicidades. respeitaraõ o Reyuo, e o Mundo por todos os seculos: *Una est columba mea.* He tambem, como lábeis todos, unica, e unigenita de seus serenissimos Pays: *Unica Matris, idest, unigenita.* Mas não sò por unigenita he unica; mas tambem unica Princeza, que no Reyno de Portugal teve a gloria reciproca, sendo neta, de ver, e ser-vista de seus Reays Avôs.

Eu bem sei, que os Senhores D. Affonso II. D. Sancho II. D. Affonso III. D. Pedro I. D. Fernan-

do, D. Joaõ I. D. Affonso V. e D. Sebastião, todos soberanos de Portugal, tiveraõ a felicidade, quando ~~Príncipes e Infantes~~ de serem christallinos espolhos, em que se viraõ, e reviraõ seus coroados Avôs; porem todos toraõ Infantes, e Princepes: mas Princeza, que fizesse em Portugal mutua esta gloria, foi a unigenita do nosso Principe a unica: *Unica Matris, id est, unigenita.* Huma he tambem, e unica por perfeyta: *Perfecta mea una est.* E sendo as perfeçoens huãs dotes da natureza; por natureza lhe são hereditarias as perfeçoens. E ainda que esta excellencia he transcendental por toda a Real Familia; nem por isso deyxã de constituir a Princeza unigenita unica perfeyta, pois he tão perfeyta, que he a primeyra, e a unica, que em Portugal; logo depois de nascida, se vio da Beyra Princeza declarada. Creara El-Rey Nosso Senhor

de novo o titulo daquelle Principado, para nelle lucederem os filhos dos Princepes; e como se na tua Real neta, e unigenita nina do Príncipe, estivesse ja veudo muytos Princepes: *Sub tua purpure venient vestigia Reges*, lhe arrogou com o titulo daquelle Principado a substituição daquelle senhorio; dando a conhecer no Reyno, e no Mundo por Princeza da Beyra. E isto he ser pela singularidade unica perfeyta: *Perfecta mea una est*. Ainda não dissemos tudo.

Da Princeza do Libano, unica, unigenita, e perfeyta, aluziva idéa da perfeyta, unigenita, e unica Princeza da Beyra, dizem muytos Interpretes com Vatablo na Escriptura Hebraica, que fora chamada para os tres altos Montes Amana, Sanir, e Hermon, para das luas altas eminencias se recrear, e ver do teu Principado as deliciosas estancias: *Veni, coronaberis*, diz agora a

versaõ: *Aspicias de vertice Amana, Sanir, & Hermon*. Dos tres mais levantados, e notaveis Montes da Provincia da Beyra, a saber, o Marvaõ, memoravel pelas noticias de Alladio, e corresponde este Monte ao Amana: o de Besteyros, celebre pelas suas minas plumbeas na pena de Plinio, e corresponde este Monte ao Sanir: e do Herminio, mais conhecido por Serra de Estrela, Gigante immovel, e do Olympo prezumido emulo; porque tẽ por baliza as estrelas, se o Olympo por limite as nuvens: *Nubes excedit Olympus*; e corresponde este Monte ao Monte Hermon. Das luas pois altas eminencias poderia recrearte, e ver a tua serenissima Princeza a Provincia, de que he lhora: *Veni, aspicias de capite Amana, Sanir, & Hermon*. Veria, que competindo na sua Provincia a nobreza com a antiguidade, já notempo do Emperador

*Allad.
Plin. apud
Blut. in suo
Litt. verb.
Beyra.*

Tiberio eraõ os Povos Baroens, vezinhos, conforme Strabaõ, dos Celtiberos; seus habitadores: veria, que a sua estancia era formoza nas Cidades, numeroza nas Villas, populosa nos Lugares, nos Padroens celebre, nos Edificios nobre, e nas Regalias singular: Veria de seus altos Montes amenissimos Vales, fertilissimos Campos, verdes Prados, floridos Jardins, fecundos Pumares, intrincados Bosques, que banhados de muytos Rios, e lizongeados de christais de muytas Fontes, saõ nelles as flores perpetuas, os frutos pereanes, e copiozos os regallos. E se esta he a Provincia da Beyra; naõ era outra couza o Principado do Libano; pois com pouca differença de palavras, este he o paraphraste do texto Hebraico na expozição de

Apud A-
lap. in cap.
4. Cant. car.
n. 8.

Alapide: *Veni, coronaberis, id est, aspicias de vertice Amana, Sanir, & Hermon, subjectas vales,*

Scampos arboribus, floribus, herbis, fructibus, virentes, & vernantes.

Logo bem ditcorria eu, que fora no texto de Salamaõ ^{naõ nova eua teimosa} aquella filha do Principe, a Princeza do Libano huma alegoria da serenissima Princeza da Beyra, filha do nosso Principe serenissimo; pois nasceu em tais circunstancias de tempo: *Quid videbis in Sulamite, nisi choros castrorum?* Que auspica felicidades para o Reyoo, que lerãõ admiraçoẽs para o Mundo: Admiraçoens pelas coroas, com q̃ ha de illustrar as quatro partes do Univerfo: E felicidades pelas glorias, cõ que ha de enobrecer todo o Reyno; e se isto he, o q̃ dicemos da Princeza do Libano: *Veni, coronaberis de capite Amana, &c. Hos quatuor Montes sitos esse ad quatuor plagas orbis;* bem podemos dizer, q̃ à serenissima Princeza da Beyra compete a gloria da Princeza do Libano: *Gloria Libani da-*

*ta est ei; e que pelas admiracoens, com que deyxarà illustrado o Mundo, e pelas felicidades, com q̄ farà gloriozo o Reyno, nōs nãice na serenissima Princeza da Beyra no Reyno pelas felicidades hũa novo Reyno, e no Orbe pelas admiracoens hum Mundo novo: *Novum nobis nascitur in Regno Regnum: Novus nobis nascitur Orbis in Orbe.**

§. III.

PROVA-se tambem o systema do Panegyrico por outras alegorias, ou coherencias, deduzidas do anno. mez, dia, hora, e tempo, em que para gloria de Portugal, por superior providencia sahio à luz a serenissima Princeza da Beyra. Todos sabem, que o anno foi o de 1734. o mez de Dezembro, o qual no Hebraico vale o mesmo, que Thebeth, que conforme Lyra, e Malvenda, quer

dizer bom, ou bondade. Et tanto mais que bom, q̄ para fazer felices a todo o Reyno, e a todo o Mundo nalceo nelle o Principe da gloria. E por isso mesmo, que tambem a serenissima Princeza da Beyra nalceo no mez de Dezembro do anno de 1734. me animo a pronosticar ao Reyno, e ao Mundo as dezejadas, e successivas felicidades, das quais sendo o nalcimento do Principe da gloria todo o influxo, he o nalcimento da Princeza da Beyra o indicativo. Ora note a vossa attençãõ, que se a novidade vos acbar preoccupados, sempre a noticia vos deyxarà gostozos.

Diz Beyerlinch no seu Theatro *Vita humana*, Beyerl. in Theat. vit. Hum. verb. Decemb. que quanto mais proxima ao dia de Natal for a re-crecencia da Lua nova, tanto mais o anno, que se lhe seguir, serà feliz, e prospero. Ouvi a sua observaçãõ em estyllo metrico.

*Quo proprior fuerit Christi natalis Iesu,
Cum nova recrefcens cornua luna parat:
Annus eo melior, tu experto crede, fequetur.
Qui nos optatâ felicitate beet.*

Agora bem: No mez ^{abjevação lunar posso} de Dezembro de 1734. em ^{pronosticar ao Reyno} que nasceo a serenissima grandes, e novas melho- Princeza da Beyra, foi a ras, e ao mundo mayo- recrefcencia da Lua nova res, e reperidas felicida- taõ proxima ao dia de Na- des, das quais, sendo o tal, que foi, conforme o Principe da gloria todo Lunario de Almanach, às o influxo, he a Prioceza feishoras, e vinte, e dous da Beyra o indicativo; po- minutos da manhaã do is nasceo em tal mez, e em mesmo dia: logo por esta tal anno.

Annus eo melior, tu experto crede, fequetur.

Qui nos optatâ felicitate beet.

E na verdade, senho- res, que para Portugal foi sempre bem auspica- do o mez de Dezem- bro. Em o primeyro dia daquelle faultissimo mez foi jurado Principe do Brazil o nosso Soberano, em 9. entrou a reyoar, e em 8. instituiu a Real A- cademia, e sendo a lua em- preza *Restituet omnia*, a tomou debayxo da lua Real protecção, secundã- doa de Alu nnos taõ cru- ditos, que podem ler en- veja dos Atheneos mais

encarecidos, e dos Lyce- os mais celebrados. Em 17. nasceo a bella serenif- sima Princeza da Beyra: Em 27. le delpozaraõ leus Serenissimos Pays. Mas para que vos canço com maior catalogo, le qua- zi excedem ao numero de leus dias, de leus faultos progressos as gloriozas memorias? Vou a refle- ctir sò nos dias primeyro, quarto, e 15. No primey- ro foi acclamado Rey de Portugal o Senhor D. João o IV. segundo Avò

da

da serenissima Princeza da Beyra, e em 15. do mesmo mez foi exaltado ao Real Trono. Dizeime agora, se por esta Real exaltação ficou o Keyho gloriozo, e o Mundo admirado? Em 4. finalmente de Dezembro ualceo na Corte de Lisboa na Primogenita de Portugal Tia da serenissima Princeza da Beyra, o esplendor de Helpanha, a serenissima Princeza das Asturias, taõ feliz, que logo que a sua Corte teve a justa vaidade de lograr a sua real presença, se vio a Monarchia em tais progressos, que inundou todo o Reyno de glorias pelas conquistas de Orãõ, e de assombros o Mundo pelas dos Reynos de Napoles, e Sicilia. E se esta excellencia assim transcende de pays a filhos, e netos; com tais exemplares como naõ annunciarei da serenissima Princeza da Beyra esta maravilha com gosto: *Selata fundant gaudia*, disse Quintiliano.

§. IV.

E Passando já do anno, e mez a obliuvar o numero do fausto dia do nascimento, já ouvides, que fora em 17. do famigerado Dezēbro, do qual dia podemos dizer com gostozo pressagio, o que a outro nobre intento applicou o Poēta Augurello com encarecido hyperbole: *Hæc lux gaudia contulit beata*. Celebre he este dia 17. de Dezembro, pelo que dellenos recontaõ as Divinas, e humanas letras. Estas nos dizem, que o tal dia era entre os Antigos reputado por festivo, e optimo: ou porque nelle tiveraõ principio as lollenidades, que chamavaõ Ambrozias; ou porq̃ era o exordio das Festas, q̃ intitulavaõ Saturnais. E aquellas nos dizem, q̃ em tal dia sahiraõ à luz de entre as chamas triunfantes Ananias, Azarias, e Misael: q̃ aquelle dia fora em obli-

Augur. ubi
supra.

Vid. Pol.
Menf. Dec-
cemb.

quio de seus soberanos universalmente festivo em toda a Monarchia de Affuero. Mas para mim o q̄ he sobre tudo, e faz mais ao meu intento, he ser o dia 17. de Dezembro taõ feliz, que nelle diminuindo-se as agoas do Diluvio, appareceraõ as coroas dos Montes: *Anno Diluvii hic dies 17. perquam apparuerunt cacumina montium.* Agora notem.

Apud Pol.
dic 17. Decem.

Guer. Ef.
col. Mor.
Palest. 1.
pag. 19.

Antes do Diluvio naõ haviaõ Reyões no Mundo, e era o seu governo por familias, como norou Guerreyro: depois do Diluvio se crearaõ os Reynos de novo, e diz a Escripura, que Membror fora o primeyro Rey. Antes do Diluvio sahio o Mundo na sua creaçãõ de hum cáõs de trevas; e depois do Diluvio sahio hum Mundo novo de hum Diluvio de agoas. Ele o dia, que foi indice de tantas novidades pelo numero, e pelo mez, foi o em que nalceo a serenissima Princeza da Beyra; porque o

naõ reputaremos por festivo, optimo, e bem augurado; por nos auspiciar na nova Princeza pelas felicidades do Reyno, hũ novo Reyno, e pẽros aifombros do Mundo, hum Mundo novo? *Novum nobis nascitur in Regno Regnum: Novus nobis nascitur Orbis in Orbe.*

§. V.

I Sto mesmo nos confirma a distincãõ ferial do dia, por ser em huma sexta feyra, o sexto dia da semana, e rambem a hora, em que com a serenissima Princeza da Beyra nalce-raõ para o Reyuo, e para o Mundo tantas venturas, que soy a sexta da tarde daquelle dia lextõ. Que o numero tenario seja perseyro, o asseveraõ com S. agostinho, Beda, e Philo, cujos apothegmas omitto, por naõ cançar o Auditorio; e passo a observar com Beyerlinch, q̄ athe o mesmo Deos fez celebre este numero; porque

Vid. Beyerl.
in numer.

que criando a grande machina do Univerſo, e nelle hum novo Reyno, que foi o homem; pois he hum homem todo hum Reyno, diſtê com juſdicioza agudeza em hum de leus epigramas o ſempre famigerado Thomaz Mõro:

Apud
Guer. Ef-
col. Moral.
pag. 24.

Vid. Beyerl.
in Theatr.
vit. hum.
verb. ſena-
rius num.

Totum unus homo Regnum: completou a perfeçãõ deſte Reyno, e daquelle Orbe no ſexto dia: *Hunc numerum Deus celebrem eſſe voluit, quando ingentem hanc machinam ſex dierum ſpatio complevit:* logo porquãõ terãõ o Mũdo, e o Reyno por felices annũcios de ſeus novos, e gloriozos progreſſos a ſereniſſima Princeza da Beyra, le nãſcendo em huma ſexta feyra, nãſceo no ſexto dia, e na ſexta hora, em que completandoſe as ſuas perfeçoens para nãſcer, ſe preſlagiaraõ ao Mundo, e ao Reyno novas ditas para lograr?

§. VI.

N Aõ poſſo, ſenhores, deyxar de re-

flectir, em que foſſe aquelle dezejado nãſcimẽto no fim da tarde, e principio da noyte. Nãõ me expliquei bem, que noyte taõ alegre foi hum dia ſucceſſivo. He a noyte oſtentaçãõ das bellezas do Ceo, glorioza teſtemunha das mayores obras de Deos Encarnado; porque de noyte encarnou o Verbo Divino, de noyte nãſceo na terra o Principe do Ceo, de noyte le ſacramentou, e athe quando na Cruz acabava de criar na Igreja para ſi hum novo Reyno, e de regenerar pela ley da Graça em todo o Orbe hum novo Mundo, le converteo o dia em noyte: *Tenebrae ſc̃lae ſunt ſuper univerſam terram.* De noyte pois quis tambem o Ceo dar a Portugal eſte prodigio, e que no leu Hemispherio appareceſſe em taõ alegre noyte eſta nova eſtrela. E para moſtrar ao Mundo, e ao Reyno, que as ſuas benignas influencias eraõ de grande expe-

Matth. cap. 26.

raçãõ,

ação, começou a brilhar no occidental orizõte em Vespera da Senhora do O. Mas por isso mesmo, que em huma lèxta feyra, vespera de tão grande dia, foi na Corte Occidental o nascimento da nova engraçada Princeza, a podemos denominar estrella, e estrella de Veuus (que he formozza estrella) porque o dia deste Planeta he a lèxta feyra; e quando os Astrologos lhe fazem o calculo, como a Venus Occidental, a explicaõ cõ o nome de *Vesper*; que quer dizer Vespera.

*Jerony.
Cort. in suis
Non plus
Cura de
Canar.*

*Idem ubi
sup.*

A esta estrella chamaõ os Professores da Astrologia *Fortuna mayor*. E que mayor fortuna para o Mundo, que nalcer no nosso Reyno esta estrella? Na Corte Occidental, a onde o Sol tem o seu occazo, teve esta estrella o seu oriente: naõ sei, se para lhe substituir a falta das luzes, admirando ao Mundo com os seus raios, e illustrando o Rey-

no com os seus resplendores; se para mostrar, que tanto excedia os do Sol, que começava a brilhar, por onde este acabava de luzir.

E já agora me persuado, que mais que engraçada estrella de Venus, lhe podemos chamar Real estrella dos Reys, naõ sò, porque teve o seu oriente na Corte, e foi o seu Epyciclo o Real Palacio, mas porque da estrella dos Reys [que por nova no nascimento, e por filha do Principe dos Astros, foi tambem Princeza das estrellas] diz a Igreja, que na belleza, e nos resplendores excedia do Sol a formozura, e os raios: *Stella, quæ Solis rotam vincit decore, ac lumine.*

*In Hymno
Epiphani.*

Mas assim se havia de assemelhar a esta estrella prodigioza a nossa Real estrella; para que com desvaucimento da sua felicidade reconhecessem o Mundo, e o Reyno, qna nova Princeza serenissima

sima tiveraõ huma fonte
 boa, e huma boa estrella:
 E estrella, cujas influen-
 cias laõ para o Reyno no-
 vos progressos, e para o
 Mundo novos lustres, razaõ
 era, que como a do Ma-
 gos, apparecisse no nosso
 Hemispherio com dupli-
 cadas luzes, e novos rel-
 splendores. Sim. Norem.
 Daquella estrella dos Ma-
 gos, da qual já dissemos
 com a Igreja, que exce-
 dia o Sol nos luzimentos,
 affirma S. Maximo, que
 era estrella propriamente
 de Christo: *Hæc tamen
 proprie Christi erat.* E
 porque ha de ser propria-
 mente de Christo esta
 estrella, sendo elle o se-
 nhor, e Principe domi-
 nante de todos os Astros?
 Sabeis porque? Pelo que
 notamos. Viera este
 Principe a fazer pela ley
 a Graça no Mundo hum
 novo Mundo, e a estabê-
 cer para si na Igreja hu
 novo Reyno; pois seja
 propriamente lua aquella
 Estrella: *Hæc tamen pro-
 prie Christi erat;* porque

para felicitar de novo hu
 Reyno, e illustrar de no-
 vo hum Mundo, he sã
 propria aquella estrella,
 cujos rayos por duplica-
 dos sejam hum tropheo
 dos respndores do Sol:
*Stella, quæ Solis rotam
 vincit decore, ac lamine.
 Hæc tamen proprie Chri-
 sti erat.*

S. VII.

MAs oh Princeza Au-
 gusta do Luzitano
 Firmamento nova, e Real
 estrella! No Reyno de
 Portugal, e Occidental
 Corte teve esta animada
 estrella o leu oriente; e
 como estou vendo, que
 diffundiõde por todos
 os Reynos do Mundo ta-
 tas luzes Regias, illustra-
 dos todos os seus Monar-
 chas e efficacias de tanto
 esplendor, virãõ em legui-
 mento de tantos rayos, e
 nas pertençaens de taõ re-
 fulgente estrella tributar
 adoraçoens por feudo aos
 nossos Suberanos: *Vidi* Matth. cap.
stella ejus in Oriete, 2.º n.º 2º

S. Max.
 Homil. 14.
 de Epiphani.

Et venimus adorare eum.
 E como não virá ao Reyno esta gloria, se há de ter admiração do Mundo esta estrella? Estrella tão Real, que athe pelo dia 9. de Janeyro, em que pela graça do baptismo se constituiu herdeyra do Celestial Imperio, nos está predizendo as já vaticinadas venturas. Sim. Em 9. de Janeyro do anno de 1325. foi exaltado ao Trono, e coroado Rey de Portugal o Senhor D. Affonso IV. Em 9. de Janeyro da Epoca de 1242. se augmentou o Reyno pelas conquistas da Cidade de Sylves, e Villa de Estombar no Reyno do Algarve, em que ficando sem vida Aben Afán Rey Mouro, ficou com a gloria do triumpho o grande Heroe Portugues D. Payo Peres Correa. E passando dos augmentos do Reyno ao Mundo em 9. de Janeyro de 1601. foi a celebre, e memoravel victoria, que alcançaraõ as armas Portuguezas em Pe-

gù, para turbação de todo o Oriente, e admiração de todo o Mundo.

Finalmente, que athe o felicissimo nome de *Maria*, com que a providencias do Altissimo quize-raõ suas Reais Magestades, e Altezas, q̄ fosse conhecida no Mundo esta Princeza, a está inculcando estrella dos Reys; porque Maria Santissima, que lhe deu para a protecção o seu nome, lhe deu tambeõ para a estrella dos Reys o seu titulo: *Maria Stella, que apparuit Magis*, disse com ventura do meu pensamento Richardo de S. Lourenço. E no-rem, que lhe deu Maria Santissima o seu nome; e para nascer, lhe deu tam-bem a vespera do seu dia, como em remuneraçã dos votos sagrados, com que a serenissima Princeza Mãy implorou os seus auxilios poderozos, e das fervorozas oraçoens, que lhe contagrou em huma Novena devora-mas por isso tambem no

*Ann. Hist.
 à Franc. a
 San. Ma-
 ria die 9.
 1325.*

*Rich. de S.
 Laur. de
 Land. Vi. g.*

número he a nona, que entre as Princezas, e Infantes de Portugal, tem de Maria o taustissimo nome. Duplicai agora o numero nove, que repete ta ao prodigioso nome de Maria, e o numero nove do mez, em q̄ foi o sagrado Baptismo, e achareis, q̄ fazẽ 18. E o dia 18. do mez de Dezembro he dedicado a Maria Santissima, como Senhora da Expectação, ou Esperança; para que acabeis de entender, ainda pela arithmetica dos numeros, que nos anima para as esperanças das mayores felicidades a nova serenissima Princeza Maria, por Maria, e por Princeza.

Concluamos pois, que nesta serenissima Princeza, e Augustissima Maria, tiveraõ o Reyno, e o Mundo a melhor estrellã; pois desde o seu horoscopo está indicãdo para o Reyno novas glorias, e para o Mundo novas admiracões. E lembrandome eu agora dos antigos vaticí-

nios, e respeytozas Profecias, de que Portugal serã elevado à mayor exaltação, me animara a profutar ao nosso Reyno, q̄ por esta Augusta Maria, e serenissima Princeza (em quem, como testemunho evidente da fecundidade de seus serenissimos Pays, estamos quazi vendo, naõ sò hum, mas muytos Príncipes) se poderã (o Reyno digo) ver exaltado à grandezza de hum univertal Imperio, E se esta he a felicidade de toda a Monarchia dezejada, como naõ lerã de suas Magestades Portuguezas a gloria encarecida?

Exurge gloria mea, Psal. 107.
exurge Psalterium, & ci- n. 2.
thara, exurgam diluculo.
 Eu, diz David, ao som do Plalterio, e da cithara acordarei do seu delcanço a minha gloria. E que gloria he esta tam encarecida, que ao som de muzicos instrumentos he celebrada? Direi. Vio este Rey soberano, como Propheta na gencalogia,

e delcendencia ao Príncipe Joseph, como filho seu: *Joseph fili David*. Vio a hu na neta Maria da sua Real estirps: *Clara ex stirpe David*, e tambem Princeza: *Maria Princeps*. Vio, que a esta neta se havia de seguir hum neto, Príncipe taõ venturozo, que naõ sò occuparia o seu Trono, mas havia de ser o seu Reyno hũ Imperio, como tambem depois declarou Isaiás: *Multiplicabis ejus Imperium; super solum David, & super Regnum ejus sedebit*. E como este coroado Rey propheticamente vio, que à sua Real neta a Princeza Maria se havia de seguir hum Príncipe, que havia de ser senhor de seu Reyno como Imperio: *Multiplicabis ejus Imperium: Nõ modo Regnum receptorum, sed finitimas gentes subacturum*, disse o grande Loruo no Plalmo 107. foi tal, e taõ excessiva a sua gloria, que se levantou do seu delcanço para cele-

bralla: *Exurge gloria mea, exurge Psalterium, & cithara: exurgam diluculo. Multiplicabis ejus Imperium; super solum David; & super Regnum ejus sedebit*.

Logo porque naõ esperaríamos esta felicidade para a Monarchia, e para os nossos Soberanos temelhante gloria, se a serenissima Princeza, e Augustissima Maria, Real neta de suas Magestades Augustas, he indicativo, e como quazi leguro de hum, e muytos Príncipes, como já ponderamos? *Sub tua purpurei venient vestigia Reges*. O qual Príncipe occupando de Portugal o Magestozo throno, serà nelle senhor de hum universal Imperio: *Multiplicabis ejus Imperium; super solum David, & super Regnum ejus sedebit: Nõ modo Regnum receptorum, sed finitimas gentes subacturum*.

Razaõ tem logo o Reyno, para se encher de glorias,

rias, e de admiraçoens o Mundo: o Mundo com tantos, e raõ novos alombros ficarà mais admirado, o Reyno com tantos, e taõ novos progressos lerà mais gloriozo; pois tiveraõ o Reyno, e o Mũdo a estrella, e felicidade de lhes nascer na Augustissima Maria, e serenissima Princeza da Beyra no Reyno pelas felicidades, hum novo Reyno, e no Orbe pelas admiraçoens hum Moudo novo: *Novum nobis nascitur in Regno Regnum: Novus nobis nascitur Orbis in Orbe.* E assim que se pelos altos beneficios, que na nossa Princeza nos fez o Ceo, devemos dar a Deos as graças, e cantar as glorias: *Glorificantes, & Laudantes Deum in omnibus, quæ audierant, & viderant, sicut dictum est ad illos: laudantes magna voce pro beneficiis acceptis:* Pelos que de novo esperamos da liberal, e omnipotente maõ, devemos continuar, e re-

petir gratificativos louvores: *Laudantes, assidue exultantes, & jubitantes ob magnum incrementũ, quod in suos populos resultavit.*

§. VIII.

SIm, senhores: e que outra couza he esta açcaõ gratulatoria? Que nos dizem tantas demonstraçoens de obsequio? Tantas exultaçoens de prazer? Tantos vivas de alegria? Que nos predice-raõ nesta vossa Cidade do Porto tantas noytes illuminadas, e naõ sem lusto das estrellas, que admirãdoas tam luzidas, lhes pareciaõ huns dias continuados? Que nos incu-cavaõ tantos estrondozos deza fogos de Vulcano por seus instrumentos fulminantes? Que outra couza nos dizia o eco daquella armonioza consonancia, com que se delpicavaõ os artefactos metalicos? Que outra couza significa este numero-

zo, e jubilante, Religiozo, e preclaro congresso? No qual, como idéa, ou a influencias deste seu Preclarissimo Senado, tudo são alvoroços, pompas, luzimētos, e tudo em fim rendimētos obsequiozos neste templo magnifico, diante das Sagradas Aras, entoando a armoniozos córos hymnos de louvor por tantos beneficios ao todo poderozo Deos: *Laudātes magna voce pro beneficiis acceptis.* Proporcionando de tal forte o dia com a acção, que taõ glorioza acção he muytas vezes propria deste alegre dia: dia muytas vezes memoravel para o nosso Reyno, para esta Cathedral, e para a Cidade do Porto. Para o Porto, e sua Cathedral; porque em 30. de Jancyro de 985. foi para admiração do Mundo em todos os séculos a mesma Cathedral teatro da gloria de Deos; pois no mesmo tempo, em que no altar estava o seu Bispo Se-

zinando offerecendo a Deos hum sacrificio, foi elle tambem a victima, e o sacrificado a tyrānos impullos da furia Mahometana, convertendo assim os luros da sua falta nas glorias da sua constancia. Fora este invicto Prelado, o que entrando em huma armada de Gascoens pela fóz do nosso Douro, e achando sò desta Cidade humas reliquias, das mesmas ruínas, em que estava sepultado o seu esplendor, se reedificou pelas suas direcçoens a mesma Cidade, e se cregio de novo huma Cathedral. Remuneroulhe o Ceo este grande zelo com huma laureola, e fez, com que este dia fosse para a Cathedral, e para o Porto memoravel, e gloriozo em todos os séculos.

He tambem o dia por 30. de Jancyro grande para o Reyno de Portugal; pois nelle, e tambem em huã sexta feyra, nalceo para gloria do Reyno, e para admiração do Mundo, pelas

A. 1. Hist.
N. 1. p.

las suas Reais singularissimas virtudes, e especiozissimos dotes da natureza, a Senhora D. Francisca Jospha nossa serenissima Infante, cujo inclito nome he o Real distinctivo, e soberano cognome de sua adorada sobrinha a serenissima Princeza da Beyra a Senhora D. Maria Francisca Isabel Jospha. E que dia mais proprio para festejar o Porto o feliz nascimento de huã Princeza, que aquelle, que em outro seculo foi gloriozo para o Reyno pelo nascimento de huma Infante? Logo pelos altos

beneficios, que já recebemos, e pelos que de novo esperamos da sempre liberal, e omnipotente maõ, para gloria do Reyno, e admiração do Mundo, naõ sò rendamos nesta santa Cathedral a Deos as graças, mas repetindo os sacrificios, e continuando os louvores, vamos todos em Processional obsequio por esta Cidade, cantar em armoniozos côros a Deos as glorias: *Glorificantes, & laudantes Deum: Magna voce pro beneficiis acceptis: Assidue exultantes, & jubilantes.*

*Fesu, Mariæ, Josph
sit laus in æternum, &
ultra.*

Handwritten title or header text, possibly "Handwritten" or similar.

Handwritten text in the upper section of the page, consisting of several lines of cursive script.

Handwritten text in the middle section of the page, continuing the cursive script.

Handwritten text in the lower section of the page, including a large, stylized signature or flourish at the bottom.

• LICENÇAS DO S. OFFICIO.

O M. R. P. M. Fr. Bernardo de Avintes Qualificador do S. Officio veja este Sermaõ, e informe com o seu parecer. Coimbra de Fevreyro 17. de 1735.

Amaral.

Villasboas.

Paes.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.



Andame V. Senhoria ver o Panegyrico Gratulatorio, Evangelico, e Philologico, exposto na Cathedral da Cidade do Porto na solennidade de acção de graças pelo nascimento da serenissima Princeza da Beyra, pelo M.R. Manoel dos Reys Bernardes, na mesma Sè Conego Prebendado, e Magistral de Escriptura. Obedecendo exactamente à ordem de V. Senhoria digo, que lendo com attençaõ esta obra, naõ achei mais, que motivos para passar de Censor a Panegyrista. E se a serenissima Princeza da Beyra foi assumpto do Panegyrico do A. no seu Augusto nascimẽto, o A. merece ser objecto dos nossos Panegyricos,

gyricos, pela grande relevancia, que mostrou na singularidade do seu engenho. E parece, q̄ naõ faltaõ os motivos para a coherencia; porq̄ se o motivo do Panegyrico do A. foi hum nascimento Real para os nossos Panegyricos, tambem o engenho do A. he hum assumpto Regio, porque o M. R. Conego Manoel dos Reys, mostrou no grande engenho deste Panegyrico, que era em tudo Regio o seu engenho. Na altissima profundidade, com que discorreo sobre o assumpto, que elogiou, de tal sorte o eximio da approvaçaõ do nosso juizo, que parece, que sò o ideou para singular, e indelevel memoria do seu applauzo, e assim sò o juizo, que lhe deu o ser, he o que cabalmente lhe pode formar juizo do valor. Aparou este insigne Orador neste Panegyrico taõ futil a pena, que nos rasgos de sua eloquencia, e singularidade de seu estylo, grangea superior estimaçaõ, e relevante credito, levando por unico dos mais entendidos o a bono, com a opiniaõ bem merecida do seu engenho. Porque he a erudiçaõ do A. taõ elevada,

vada, que não necessita de pincel, que rétoque a sua valentia, nem de lingua, que publique seus elogios, pois ella a si mesma se entoa os applausos. A elegancia deste grande engenho he tão iublime, e eminente, q̄ não respeyta mayoria, nē recea competencia; pois de tal sorte compete sò consigo, que não reconhece igual, nem se lhe oppoem semelhante. No silêcio destes caracteres mudos se està ouvindo a articulaçã da sua lingua; porq̄ assim escreve, que parece, que falla, e quem tiver a dita de ler este Panegyrico, terà a mesma gloria, que teve, quem mereceo a fortuna de o ouvir; porq̄ a mesma voz, que soou no pulpito, parece, que se ouve bradar na estampa. Os Panegyricos, quando se lem, são menos agradaveis, do que quando se ouvem, porq̄ lhes falta no papel aquella alma, com que o espirito alenta as palavras, e as vozes acõpanhaõ as acçoẽs; mas neste papel estaõ tão animadas as palavras, e tão viva a eloquencia, que lhe dà tanta vida a pena, como lhe tinha dado a lingua, sendo tão destra, e tão perita, q̄ na mesma insensibilidade

infunde em suas vozes espirito, com q̄ respiraõ
 com elegancia todo aquelle excellente adorno,
 de q̄ as vestio a sua eloquencia. Tenho por qua-
 zi sem duvida, que ha de lograr Portugal aquel-
 las felicidades, que o A. neste Panegyrico lhe
 pronostica; porq̄ a hum juizo, q̄ taõ illumina-
 damente lhe vatecina as venturas, naõ pode fal-
 tarlhe o tempo com os successos. A' nossa Prin-
 ceza Real annuncia o A. que nasceo com o pre-
 fagio de ser Rainha de Princezas; do A. quando
 nasceo, pela raridade do engenho, que mostrou
 neste Panegyrico, que fez à Rainha das Prince-
 zas, bem se podia entaõ preconizar, q̄ nascia pa-
 ra ser o Rey dos Prégadores. Na sua Sè he o A.
 entre todos os Conegos o Magistral, e neste
 Reyno bem merece ser de todos os Prégadores
 o Mestre. Em fim, como os mais encarecidos e-
 logios em abono deste grande Orador fidaõ
 mais devedores à verdade na diminuiçaõ do
 applauzo, que no merecimento do louvor, con-
 cluo com dizer, que o A. encheo taõ de acer-
 tos este Panegyrico, que lhe naõ deyxou lugar
 para

para erro algũ nem contra a nossa santa fé, nem
bons costumes. Coimbra Convento de S. An-
tonio dos Olivais 20. de Fevereyro de 1735.

Fr. Bernardo de Avintes.

O M. R. P. M. Fr. Joseph de S. Gualter Lamatide.
*Qualificador do Santo Officio, veja este Sermaõ,
e informe com seu parecer. Coimbra em Meza
21. de Fevereyro de 1735.*

Amaral.

Villasboas.

Paes.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.



I o Sermaõ Panegyrico, prégado na-
acção de Graças, com q̃ o Senado da
Camera da Cidade do Porto festejou
o feliz nascimẽto da serenissima Senhora Prin-
ceza da Beyra; e vendo tinha sido composto, e
exposto pelo D. Manoel dos Reys Bernardes,
dignissimo Conego Magistral na Santa Igreja
Cathedral da mesma Cidade, logo no frõtespi-
cio da minha obrigaçãõ puz a consideraçãõ, de

que o não devia ver para censurar, mas só o devia ler para aprender, e completar o grande conceito, que sempre fiz do seu Author, e com que he comumente applaudido, e approvado no engenho, na litteratura, e na virtude por todos, os q̃ o conhecem neste Reyno; porque as obras, e os escriptos dos varoẽs affirm insignes só se devem ler cõ o dezejo de lhe tributar veneraçõs, e applauzos, e não cõ animo de os notar, e cẽsurar: *Tanti viri nõ examinãda, sed veneranda sentẽtia est.* Disse Cassiodoro fallãdo de outro Heroe tambem celebrado nas virtudes, e nas letras. lib. 5. cap. 24.

Bem conheço, que este Panegyrico he só hũ dedo mostrador da facũdia do seu Author nas Divinas letras, e humanas, mas pelo dedo se conhece ao Gigante, e se nas paredes de hũ Palacio Regio appareceraõ em outra occasiaõ de real festejo os dedos de hum quazi homem descrevendo as ruinas de hum Imperio; no edificio deste Panegyrico, obra em tudo Regia, descrevem os dedos de hum Gigante as felicidades de

Por-

Portugal, que por auspicio seu, e por promessa de Christo ha de ser o ultimo Imperio do mundo. O grande Precursor de todas as felicidades do mundo mostrou com o dedo, o que vaticinou com a palavra: *Cecinit adfuturum, & adesse monstravit.* E no presente Panegyrico mostra o seu doutissimo Author presente no felicissimo nascimento de nossa serenissima Princeza, o que ja tinha augurizado na oratoria dos Reays despozorios do serenissimo Senhor D. Joseph Principe do Brazil, e da serenissima Senhora D. Maria Anna Vitoria Infante de Castella.

E se muytos segredos revelou Deos ao mundo, que por serem sobre a natural razaõ, se naõ podiaõ alcançar sem especial favor do Céo: *Plurima supra sensum hominum ostensa sunt tibi,* ^{Facit.} a huns nas vigalias por vizaõ, e a outros no sono por sonhos: *In visione apparebo ei, vel per* ^{Num.} *somnium loquar ad illum,* ^{12.} quem he taõ vigilante no caminho da virtude, e o foi na applicaçãõ às Divinas letras, q̃ ainda nas horas destinadas para o descãço fazia vigalias para o estudo, bem
 nõde

pode ser pronóstico com melhor cōjectura, o que aos mais oradores da mesma empresa neste Reyno ficaria escondido por sublime.

Estas presentes demonstraçoẽs do superior engenho do doutissimo Author do Panegyrico foraõ já vaticinadas por alguns Religiozos de conhecidas letras, e virtude, que floreceraõ neste Collegio, onde elle foi porcionista, edificando a todos no exemplo da vida, no incansavel dos estudos, e admirando-os já na agudeza do engenho; e bem quizera o meo affecto igualar no applauzo a gloria, q̃ rezulta ao Collegio de ter sido o berço, donde se criou hũ sabio taõ resplandecente nas brilhantes luzes da doutrina, q̃ como estrella esmalta o vizivel firmamento da sua Santa Cathedral, e adorna o mystico Ceo da minha Religiaõ Serafica, e que he Irmaõ terceyro benemerito, mas saõ taõ relevantes os motivos, que no mesmo tempo, que convidaõ a vontade para o applauzo, embargaõ o discurso para o louvor; e por isso concludo com dizer, o que já disse Plinio Junior na

cenſura de huns eſcriptos compoſtos por outro grande engenho dos ſeus tempos, que lhe mandaraõ rever: *In quibus cenſorio virgulo nihil, laudis omnia digna reſpexi.* Collegio de Saõ Boaventura de Coimbra, da Provincia de Portugal em 26. de Fevereyro do anno de 1735.

Fr. Joſeph de S. Gualter Lamatide.

V Iſtas as informaçoẽs pode-ſe imprimir eſte Sermaõ, mas naõ correrà ſem nova licença, para aqual torne conferido. Coimbra em Meza 3. de Março de 1735.

Amaral.

Paes.

Villasboas.

P Ode-ſe imprimir, mas naõ correrà ſem nova licença. Coimbra 3. de Março de 1735.

Nobre.

... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...

... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...

... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...